

# A FEIRA DA LIBERDADE: COMÉRCIO, CONSUMO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO EM CAMPINA GRANDE-PB

***Mylena Susan Silva MIRANDA***

Graduada em Geografia - Centro de Humanidades,  
Universidade Federal de Campina Grande

E-mail: [mylenasusan@gmail.com](mailto:mylenasusan@gmail.com)

***Lincoln da Silva DINIZ***

Professor Adjunto, Curso de Geografia  
Centro de Humanidades Universidade  
Federal de Campina Grande

E-mail: [lincoln.ufcg@gmail.com](mailto:lincoln.ufcg@gmail.com)

## RESUMO

As feiras desempenham funções econômicas, sociais e culturais, que contribuem para a formação de muitas localidades, desde povoados a cidades. O município de Campina Grande, Paraíba, corresponde a um destes representativos, que possui sua formação atrelada às relações promovidas por estes ambientes. Diante disso, esta pesquisa objetivou identificar e analisar as permanências e as possíveis modificações ocorridas na Feira da Liberdade, tendo em vista a sua estabilidade no circuito comercial atual mesmo com as novas formas comerciais. Para tanto, buscou-se identificar os fatores que levaram a sua resistência no setor. Portanto, as novas formas de comércios, as transformações econômicas e culturais, os novos hábitos de consumo, os efeitos da competitividade constituem aspectos inerentes a esta pesquisa, na área de geografia urbana e comercial. Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: Caracterização da área de estudo; Aplicação de Questionários; Registro fotográfico e Elaboração de mapas temáticos. Em síntese, os principais resultados consistiram na identificação de novos conteúdos, formas e ações, de acordo com as novas lógicas e alterações de mercado e consumo, resultando em um espaço dinâmico de coexistências, com a presença de múltiplas formas comerciais, desde antigas e novas.

**Palavras chave:** Feira da Liberdade; Comércio; Consumo.

## ABSTRACT

The fairs perform economic, social and cultural functions, which contribute to the formation of many localities, from villages to cities. The municipality of Campina Grande, Paraíba, corresponds to one of these representatives, whose formation is linked to the relations promoted by these environments. In view of this research aims to identify and analyze the continuities and possible modifications occurred in the Liberdade Fair, as its stability in the current commercial circuit even with the new commercial forms, therefore, it was sought to identify the factors that led its resistance in the sector. Therefore, new forms of commerce, economic and cultural transformations, new consumption habits, and the effects of competitiveness are inherent aspects of this research, in the area of urban and commercial geography. To develop this research, it was used the following methodological procedures: Characterization of the study area; Application of Questionnaires; Photographic registry and Elaboration of thematic maps. In summary, the main results consisted in the identification of new contents, forms and actions, according to the new logics and changes of market and consumption, resulting in a dynamic space of coexistence, with the presence of multiple commercial forms, from old and new.

**Key-words:** Liberdade Fair; Trade; Consume.

## 1. INTRODUÇÃO

Entendemos as feiras, ainda nos dias atuais, como um modelo de atividade comercial capaz de criar e promover dinamismos econômicos, exercendo significativa importância na vida urbana local, regional e na dinamização econômica das áreas rurais, já que estas se tornam um canal de comercialização para os agricultores.

Em Campina Grande, Paraíba, as feiras se configuram como um importante ponto de comercialização e desenvolvimento comercial local. Nesta pesquisa, especificamente, a Feira da Liberdade, localizada no bairro de mesmo nome, constitui-se como uma das primeiras representações de comercialização popular na localidade.

O comércio, em múltiplos espaços-tempo, estimulou o crescimento de núcleos populacionais existentes, atendendo a diversas necessidades criadas pelos grupos sociais. Essa influência, principalmente, na vida urbana, também nos é apresentada por Vargas (2001, p.96): “[...] desde o início, esses locais, onde a troca realizava-se, possuíam um papel muito importante, não apenas na atividade econômica, mas principalmente na vida social”.

As formas de localização do comércio também variam ao longo do tempo. No caso das feiras, de um modo geral, possuem elementos e características passíveis de uma leitura geográfica no âmbito da compreensão dos espaços apropriados, no sentido da modalidade dos feirantes; buscando sua afirmação no contexto de produção do espaço urbano frente a esse período e meio técnico científico-informacional<sup>1</sup>, (cf. SANTOS, 1997) iniciado após a Segunda Guerra Mundial, bem como no contexto de comércio e consumo produzidos por eles. Desta forma, surge a necessidade de analisar estas realidades.

No Brasil, há evidências de feiras livres desde os tempos da colonização e, apesar da modernidade, elas resistem, sendo em muitas cidades do interior do país, o único local de comércio da população, funcionando também como centros de educação, cultura e entretenimento (cf. FORMAN, 1979). Conforme afirma Braudel (1996), acredita-se que a principal causa da origem das feiras foi a formação de excedentes de produção, havendo a necessidade de troca de mercadorias, primeiramente, entre grupos vizinhos e, posteriormente, disponibilizando os produtos para grupos do entorno das comunidades.

Em Campina Grande, desde suas origens, o comércio foi a principal atividade econômica. Como afirma Diniz (2011), este, responsável pela abertura de longos caminhos que se estenderam pelas extensas terras sertanejas, e se encontravam em Campina. Ainda segundo o autor, o comércio realizado influenciou, também, o crescimento da cidade, que concentrava grande parte da produção vinda do interior. Assim, analisando a historicidade do município, sua origem está intimamente ligada ao desenvolvimento da feira de gado e cereais.

Então, destacando sua importância, o desenvolvimento econômico, social e político que as feiras tiveram no passado, diante da sua formação e ainda apresentam frente à atualidade, mesmo diante de novas formas de consumo adquiridas pelas cidades em que o mundo cada vez mais globalizado proporciona, busca-se através deste estudo enfatizar esta modalidade, mas especificamente a Feira da Liberdade, localizada na cidade de Campina Grande-PB, destacando a valorização que esta representa para o bairro e o município.

---

<sup>1</sup>O meio técnico-científico-informacional inicia-se na década de 1970; é caracterizado pela aplicação da ciência à técnica, por isto meio técnico científico; mas este meio, estas técnicas são impregnadas de informação e transmitem, acumulam informação, por isto meio técnico-científico-informacional.

A escolha desta feira valeu-se de um lado por sua localização no bairro da Liberdade, no qual o desenvolvimento e o crescimento comercial da feira o solidificam como subcentro<sup>2</sup>, contribuindo para o dinamismo econômico da cidade. Por outro lado, por sua importância para os moradores próximos e por sua diversidade de produtos à venda. Portanto, a Feira da Liberdade permanece como espaço de referência no desenvolvimento e realização de atividades comerciais e sociais, resistindo à expansão de estabelecimentos de varejo e aos apelos de modernos estabelecimentos de compra e venda.

Esta feira, apesar de não ter todas as bancas abertas diariamente, funciona todos os dias da semana e recebe não só moradores do próprio bairro, mas de outros bairros, exercendo uma centralidade e influência sobre as demais localidades da cidade.

Vale salientar que, na atualidade, as feiras de Campina Grande-PB vêm sendo objeto de estudo de pesquisas nas mais diversas áreas do conhecimento<sup>3</sup>, porém, sobre esta feira, campo dessa pesquisa, não foi encontrada nenhuma investigação científica, assim procuramos preencher esta lacuna.

O objetivo central deste estudo foi analisar a dinâmica espacial da Feira da Liberdade, buscando valorizar e identificar as possíveis transformações ocorridas no setor e diagnosticar sua representatividade econômica, social e cultural. Para tanto, se fez necessário investigar a representação das feiras para formação das cidades, no que tange o comércio e consumo, e para os sujeitos, enquanto espaços de sociabilidade. Em seguida, um resgate sobre a historicidade do bairro da Liberdade e da sua feira, além das territorialidades geradas com essa atividade. Por fim, procura-se identificar, na atualidade, sua resistência, tendências e se ocorreram transformações ao longo do tempo.

Para buscar responder tais objetivos foram utilizados, enquanto metodologia, da observação e da interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, através do trabalho de campo, por esta possibilitar um contato direto no local escolhido e com os agentes presentes; da caracterização da área de estudo; da aplicação de quarenta questionários semi-estruturados, sendo dividido entre feirantes e consumidores; da elaboração de mapas temáticos, realizada a partir dos dados adquiridos em campo, coletados dos questionários aplicados, utilizando o programa QGIS versão 2.4, de acesso gratuito; e de registros fotográficos.

Durante as investigações, cabe ratificar, foram vivenciadas algumas dificuldades na coleta de dados: as administrações da feira e do município não possuíam registros sobre o ambiente pesquisado. Porém, apesar dos problemas, espera-se, com o presente trabalho, trazer contribuições no que diz respeito à feira e às sociabilidades que a cercam.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Feiras e Produção do Espaço: Comércio, Consumo e Sociabilidades**

Desde o início das civilizações, o comércio e a cidade têm uma relação de interação, ou seja, uma não apresenta significado e perdem as forças se são separadas. As duas são causa e efeito da mesma centralidade que implica o encontro de fluxo de pessoas, mercadorias, ideias e mensagens. “A

---

<sup>2</sup> Segundo Corrêa (1995), o subcentro constitui-se de uma miniatura do núcleo central. Possui uma gama complexa de tipos de lojas e de serviços, e várias de suas lojas são filiais de empresas que se localizam na área central. E à semelhança da área central, o subcentro constitui-se em importante foco de linhas de transporte intra-urbano. Como completa Villaça (1998), denomina como subcentro aglomerações diversificadas e equilibradas de comércio e serviços, que não o centro principal; ou ainda uma réplica, em tamanho menor do centro principal, com o qual concorrem em parte sem, entretanto, a ele se igualar.

<sup>3</sup> CARDOSO, C. A. A.; MAIA, D. S. A feira de Campina Grande: onde se encontra o moderno e o tradicional In: XVI Encontro Nacional de geógrafos. Porto Alegre: PORTO ALEGRE: Associação dos Geógrafos Brasileiros - UFRS, 2010. v. 1. p. 1-12.  
OLIVEIRA, S. S. L. Olha o rapa: os feirantes e as artes do saber fazer o cotidiano na Feira Central de Campina Grande (1970-1983). Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

cidade desempenhou e, ao mesmo tempo, possibilitou o desenvolvimento da atividade comercial, principalmente a partir do capitalismo” (DINIZ, 2011, p.20). Ainda, segundo o mesmo autor, o comércio impulsionou o crescimento das cidades, estendendo o processo de urbanização a nível mundial e transformando as cidades em lugares de extrema importância política e econômica.

Compreende-se, assim, que o comércio faz parte da razão de ser da cidade. O mesmo viabiliza sua existência, explica a sua organização e justifica muito a sua dinâmica. Assim, diante desta realidade, essas práticas possuem também uma dimensão espacial, já que é produto das decisões e dos exercícios de vários atores, nomeadamente as de consumo.

O comércio é, por excelência, uma atividade urbana e, apesar das inúmeras potencialidades do comércio eletrônico, dificilmente deixará de ser o futuro. Esta imbricação do comércio com a cidade é uma consequência direta dos requisitos de centralidades e acessibilidade que presidem a sua localização, aliados às “economias de aglomeração” (SALGUEIRO; CACHINO. 2009, p. 9).

As feiras comerciais, que possuem uma importância na vida das cidades há vários séculos, se constituem como o ponto de partida para o desenvolvimento comercial. O seu movimento de surgimento foi acompanhado de uma demanda natural das pessoas por oferecer um ambiente onde se pudesse agregar a maioria dos produtos, disponibilizando-os a um maior número de pessoas, vendendo ou trocando excessos por outros produtos dos quais se tinha falta (ARAÚJO, 2012). Tavares (2014) aponta que seu surgimento se deu com o renascimento do comércio na transição da Idade Média para a Idade Moderna, em um momento que se dava uma produção regular de excedentes agrícolas destinados aos espaços de troca de produtos.

Santos (*apud* TAVARES, 2014) remete que nessa época as feiras livres consistiam em uma das formas mais representativas do ponto de vista econômico, sendo um período de intensa disseminação dessa forma comercial, por estarem em consonância com o contexto histórico da época.

No que se refere ao surgimento, as feiras livres em território brasileiro seguiram em parte o modelo lusitano, introduzido pelo colonizador português, isso porque os indígenas locais não produziam excedentes. Inicialmente, funcionando a partir de povoados, depois vilas, e nos centros das cidades, na maioria das vezes em torno de uma edificação de mercado. “No Brasil, elas são uma realidade e envolvem significativos fluxos de mercadorias, pessoas e informações, integrando áreas rurais, e pequenas, médias e grandes cidades, manifestando uma atividade ainda hoje importante para muitos sujeitos urbanos e rurais” (SANTOS, 2013, p. 42).

Assim sendo, em várias cidades brasileiras, as feiras são os principais locais de comércio da população, principalmente no Nordeste, onde se constitui “[...] em um tipo particular de mercado periódico” (CORRÊA, 2010, p. 113). Segundo esse autor, os mercados são um dos modos de organização da rede de localidades centrais em países subdesenvolvidos, definindo-os como: “[...] aqueles núcleos de povoamento, pequenos, via de regra, que periodicamente se transformam em localidades centrais [...]” (CORRÊA, 2010, p. 50). Fora dos períodos de intenso movimento comercial, esses núcleos voltam a serem pacatos núcleos rurais, com a maior parte da população engajada em atividades primárias.

Segundo Diniz (2011), no Nordeste brasileiro a origem de grande parte das feiras se justifica com o advento do intenso comércio de gado durante os séculos XVIII e XIX. Em um panorama, primeiramente agrário, com um fluxo gerado pelas tropas de gado no interior do Nordeste, que posteriormente levou a formação de pequenos agricultores com suas produções, com o intuito de trocá-las por outros produtos. Como completa Araújo (2011, pg. 02), “[...] além dos produtos de origem agrícola, os agricultores também eram prestadores de serviços, o que terminou por estabelecer, em cada um desses locais, uma praça de mercado”. Assim, é das praças comerciais formadas a partir do

comércio de gado que resultam o aparecimento das feiras livres, as quais foram um importante elemento de desenvolvimento para as cidades. Na atualidade, as feiras nordestinas têm como função básica:

Ser um espaço concentrador de parte da produção agrícola regional. Elas se constituem como verdadeiras praças de mercado cotidianas, para onde demandam inúmeros vendedores, quer sejam os próprios agricultores, ou ainda os próprios comerciantes da localidade que deslocam suas mercadorias das lojas para a feira (DANTAS, 2008, p.96).

Devido ao nível de conexão com a forma de organização social nordestina, as feiras estão profundamente emaranhadas nos sistemas de mercado regional. Na maioria das vezes, elas deixam de ser um fato rotineiro para assumir um papel de destaque, sendo, às vezes, difícil distinguir até que ponto a feira depende da cidade ou a cidade depende da feira. Desta forma, como complementa Pazera (2003), além de sua importância urbana e regional, a feira desenvolve o processo de comercialização e trocas inter-regionais.

As feiras apresentam ainda, algumas características nas quais podem ser inseridas no que o geógrafo Milton Santos (1979) chama de “Circuito inferior da economia urbana”, trata-se de um setor que apresenta diferenças de consumo, acesso de bens e serviços oferecidos. O autor apresenta uma divisão territorial do trabalho, próprio das cidades de países pobres. Segundo Santos (1979), existem dois circuitos, o superior e o inferior. O primeiro como o resultado direto da modernização tecnológica e organizacional do território a partir da lógica hegemônica. O segundo, como não moderno, é um resultado indireto da modernização tecnológica e organizacional do território, não correspondendo à lógica hegemônica. Diante desse contexto, a feira, em seus aspectos, se constitui como participante do circuito inferior. A esse respeito, autor a caracteriza como espaços onde:

Trabalham com pequenas quantidades de mercadorias e de capital, geram rendas no limite ou abaixo do mínimo vital, têm como regra a pechincha e a barganha, supõem um prazo curto de lucro, preocupam-se mais com a sobrevivência da família que com a acumulação, têm uma margem de lucro elevada por unidade e pequena no volume total, não necessitam de publicidade e propaganda, e não têm custos fixos (SANTOS, 1979, p.345).

As feiras ditas tradicionais têm uma grande importância devido à diversidade de produtos ofertados a preços mais baixos, que atende principalmente as necessidades da população de baixa renda, promovendo, por sua vez, o resgate da cultura e das tradições populares, na medida em que favorecem o encontro de pessoas da comunidade. Diante dessas características, o consumidor dessa atividade torna-se o verdadeiro ator e o consumo uma manifestação simbólica e comunicacional. “O poder simbólico do consumo tanto diz respeito às mercadorias como aos lugares que lhe servem de contexto e mostra, estende-se a própria cidade ou a alguns dos seus territórios.” (SALGUEIRO; CACHINO 2009, p. 30).

Desta maneira, essa atividade comercial possui em seu funcionamento relações sociais, movimentos internos e externos, mercadorias e tudo o que há de vida nos mercados, feiras e outros tipos de comércio, hoje considerada, com suas particularidades e características singulares, que resistem em meio ao que se tornou homogêneo, tais como as formas que abrigam o denominado comércio moderno, a exemplo dos *shoppings centers*.

Esses espaços vão muito além de pontos de compra e venda de mercadorias. São lugares em que se desenvolvem uma série de sociabilidades. A feira, como menciona Araújo (2012, p.51): “São, muitas vezes, pontos de encontro tradicionais de amigos ou de simples conhecidos, locais escolhidos

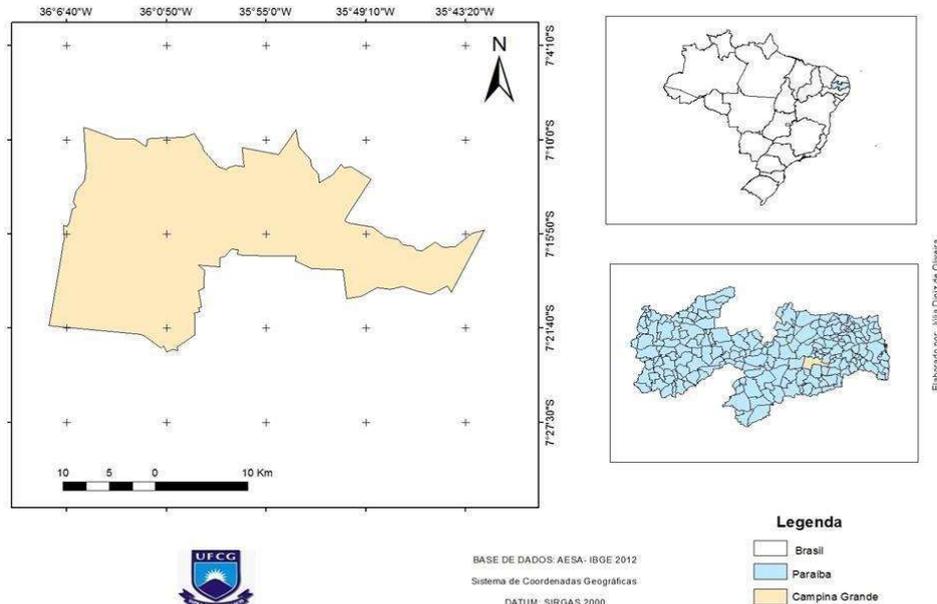
para os mais variados atos da vida social e mantém, assim, um sentido de permanência e de identidade”.

Sabe-se que na teoria social, na opinião de Simmel (2006, p.64), “O ‘impulso de sociabilidade’, em sua pura efetividade, se desvincula das realidades da vida social e do mero processo de socialização como valor e como felicidade, e constitui o que chamamos de ‘sociabilidade’ em sentido rigoroso”. Nos espaços das feiras, as pessoas estabelecem inúmeras conversas informais e adquirem conhecimento das últimas novidades do bairro, da cidade e do mundo. Deste modo, é a partir dessas interações que as feiras se constituem espaços de relações sociais e de influências múltiplas cotidianas.

Contudo, apesar desse moderno está cada vez mais habitual na dinâmica das cidades, as feiras se mostram com adaptações perante às de tempos longínquos. Como insere Salgueiro (2008), alguns fatores contribuíram para estas modificações, como o desenvolvimento dos transportes, crescimento das cidades, uma maior motorização na produção, a elevação dos índices educacionais, que fazem o consumidor exigir uma maior qualidade agregada ao produto e a sua produção.

Neste contexto de inúmeras transformações constatadas em diferentes escalas, as feiras ainda constituem em espaços dinâmicos nos espaços urbanos da atualidade. Na cidade de Campina Grande<sup>4</sup> (Mapa 1), município localizado na região do Nordeste do Brasil, há alguns destes espaços, que se distribuem em alguns dos seus bairros: Centro, Catolé, Galante, Bodocongó, Presidente Médici, Prata, Jeremias, Malvinas e Liberdade.

A Feira da Liberdade, objeto dessa pesquisa, se constitui como uma das primeiras feiras localizadas em bairros nesta cidade. Embora seja um bairro que experimente transformações diversas no seu setor comercial varejista, apresentando múltiplas formas comerciais modernas, nesta localidade urbana há um espaço que abriga tradicionais formas de comercialização e consumo.



**Mapa 1-** Localização do município de Campina Grande–PB. Fonte: AESA, IBGE 2012.

<sup>4</sup> De acordo o IBGE (2010), a cidade de Campina Grande possui uma população de 385.210 habitantes, sendo 367.209 em área urbana e 18.004 em área rural. Atualmente, é a segunda cidade mais populosa da Paraíba, com destaque no campo de inovações tecnológicas e no setor comercial.

### **3. A FEIRA DA LIBERDADE: ESPAÇO COMERCIAL E RELAÇÕES SÓCIOESPACIAIS**

#### **3.1 Origens da Feira da Liberdade: moradia, trabalho e proximidade**

Para poder entender o processo de formação da feira na Liberdade, se faz necessário relembrar um pouco da história do surgimento do bairro, que está intimamente ligado à composição do desenvolvimento do município.

Deste modo, trazendo o recorte temporal da chegada do trem a cidade em 1907, que, segundo Saraiva (2009), foi um marco para seu crescimento econômico, urbano e populacional. Além da abertura de rodagem de estradas e o uso generalizado do transporte rodoviário, permitindo a ligação entre os espaços. Somado a isto, outro momento importante na economia campinense foi o comércio do algodão. A partir daí começa o processo de formação do bairro da Liberdade, que possui forte relação com o desenvolvimento industrial local (ANDRADE, 2011).

Diante disto, ocorreu a instalação de diversas empresas na cidade de Campina Grande, responsáveis pelo beneficiamento, armazenamento e exportação.

O surgimento do bairro da Liberdade está relacionado a esse momento histórico da cidade de Campina Grande a formação de zonas industriais, a instalação da empresa SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro/AS) filial da empresa Argentina Bunge y Born, foi significativo no seu processo de formação. A vinda da empresa para a cidade ocorreu no ano de 1935, graças ao incentivo fiscal e pelos demais atributos que a cidade possuía, ela era uma firma especializada em produtos como o agave, óleo e artigos comestíveis, além de trabalhar com o próprio algodão. (ANDRADE, 2011, p.13).

As instalações dessas empresas trouxeram como resultado o desenvolvimento local, já que próximo a elas foram criados vários comércios de diversos produtos, dinamizando a economia comercial da cidade. Em seu entorno, convergiram populações operárias de firmas industriais, constituindo-se o início do núcleo habitacional que viria a formar o atual bairro da Liberdade. A configuração da cidade começa a se modificar de forma intensa, fazendo surgir zonas industriais e com isso a população campinense dos bairros. Surgem outras atividades econômicas, especialmente comerciais, como também aparecem novas construções residenciais.

Como relata Cardoso (1963), nas décadas de 1940 a 1960, formam-se duas zonas industriais em Campina Grande, sendo uma localizada nas proximidades do Açude Velho e antiga estação ferroviária, e uma no entorno do Açude de Bodocongó. Próximas a estas zonas surgem áreas residenciais da população trabalhadora, as chamadas vilas operárias.

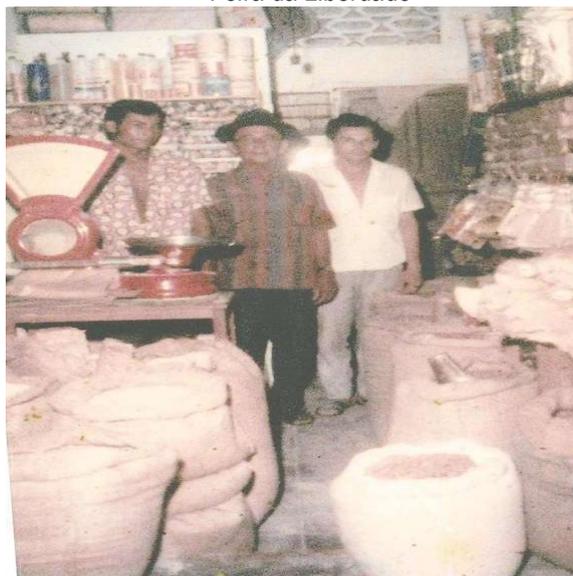
O surgimento do Bairro da Liberdade deve-se enormemente à existência de empresas industriais mencionadas anteriormente. Neste bairro nascente, criam-se também atividades ligadas ao comércio de vizinhança, responsável pelo abastecimento doméstico das populações, sobretudo, de baixa renda.

Neste período, a partir de relatos de feirantes, a feira da Liberdade surgiu. Não há dados precisos desse surgimento, já que não foi encontrado nada que fizesse registro dessa fundação. Acredita-se que seu surgimento corresponde a uma necessidade de abastecimento à população local. Essa feira nasceu, inicialmente, com uma estrutura, nomeada de mercado público, pelo então prefeito Severino Cabral, supõe-se, e abrigou os feirantes que residiam próximo à localidade.

De início, segundo alguns feirantes, as bancas tinham seus balcões com estruturas nomeadas de tarimba, um estrado de madeira em que geralmente dormiam os soldados nos quartéis (Figura 1).

Após alguns anos da fundação, por volta da década de 80<sup>5</sup>, período, segundo Oliveira (2009), de desestruturação do mercado de trabalho, se agravou o desemprego e, com ele, o crescimento e a diversificação da informalização das atividades, outros comerciantes - que não conseguiram adquirir uma banca no mercado - passaram a expor seus produtos nas calçadas e nas ruas vizinhas (Figura 2). Antes das modificações desse espaço, os equipamentos, de propriedade exclusiva de cada trabalhador da feira, ocupavam o “leito” da rua. Isso significa a apropriação plena do espaço, mediante os interesses de um grupo social, no caso os comerciantes não fixos.

**Figura 1** - Banca de Cereais no ano de 1967-  
Feira da Liberdade



Fonte: Acervo pessoal de Luíz Matias de Oliveira Neto.

**Figura 2** - Comerciante que vendia seus produtos fora da feira no ano de 1981



Fonte: Acervo pessoal de Veriberto Soares da Silva.

---

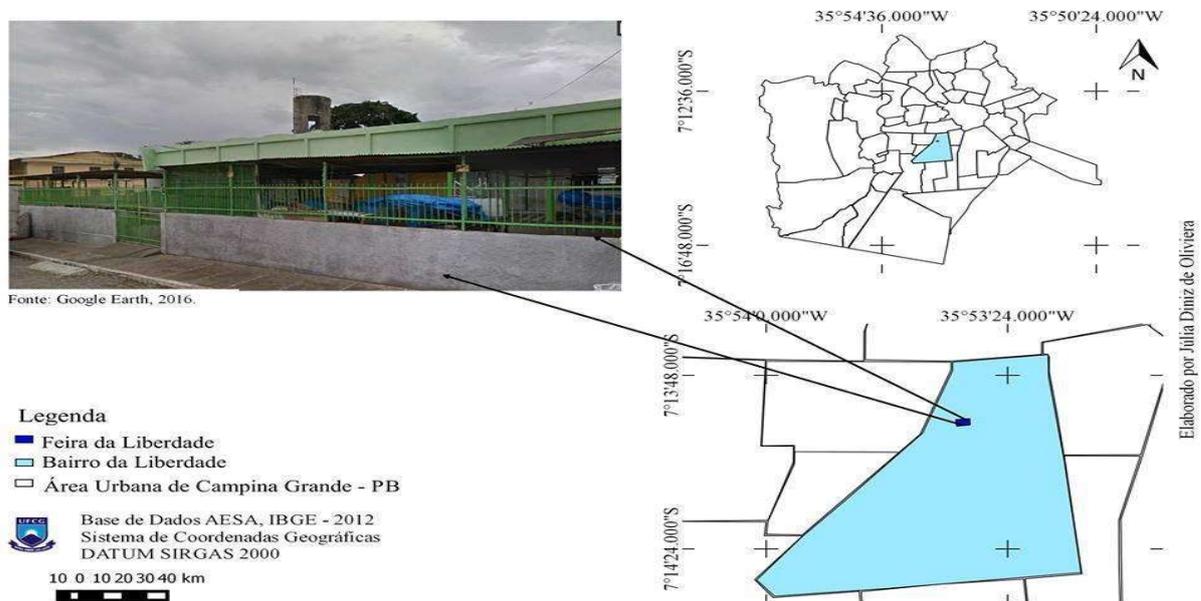
<sup>5</sup> Diante deste problema, segundo Oliveira (2009), a população passou a reinventar o seu próprio trabalho como estratégia de sobrevivência e como forma objetiva de resposta ao desemprego. O que pode ter levado esse aumento do setor, já que representam uma alternativa imediata na tentativa de sustento das famílias.

Diante disso, a forma, a intensidade e a complexidade com que as disputas acontecem no espaço urbano são inerentes às relações de poder que aí são projetadas pelos diversos agentes produtores desse espaço. A partir do momento em que se constata a apropriação de frações do tecido urbano - como se pode ilustrar com o exemplo das feiras livres -, mediante o estabelecimento de relações de poder, define-se, pois, um território (SOUZA, 1995). Caracterizando a apropriação do território, as feiras livres instaladas em vias públicas municipais acabam por reproduzir estratégias de controle do território, cujo feirante, organizado em forma de grupo social, automaticamente, passa a fazer parte do processo de (re)produção do espaço urbano, uma vez que fragmentos do território da cidade são apropriados e organizados a partir de uma lógica territorial “espontânea”.

Essa apropriação do espaço externo - Imagem 2 - e consequente territorialização gerada pelos comerciantes que não detiam bancas dentro da feira causaram revoltas nos feirantes que estavam na estrutura construída, uma vez que esta situação gerou uma queda nas vendas, pois os consumidores preferiram, por questão de comodidade, adquirir os produtos expostos em seu entorno. Diante desta realidade, grande parte dos feirantes do mercado decidiu também colocar suas bancas e expor os produtos fora da estrutura física do mercado.

Deste modo, após alguns anos testemunhando essa situação, os moradores das ruas preenchidas pelas bancas e pelo movimento da feira, em comunhão, realizaram reclamações junto à prefeitura. Por volta de 1984 e 1985, o prefeito Ronaldo Cunha Lima realiza a primeira reforma no espaço da feira pesquisada. O objetivo era abrigar nas dependências internas do mercado todos os comerciantes que ficaram de fora da estrutura no processo inicial de fundação da feira. Isso ocasionou uma diminuição no tamanho das bancas já existentes dos proprietários antigos, o que causou certa indignação e na época suscitou conflitos. Apesar das pequenas modificações, segundo os feirantes, eles tiveram que aceitar a situação, já que a maioria dos feirantes só tinha o estabelecimento para seu sustento.

**Mapa 2 - Localização da Feira da Liberdade**



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Em 2000, a Feira da Liberdade passou pela sua última reforma, que se estendeu por dois anos, sendo finalizada no ano de 2002. A reforma trouxe algumas melhorias, a exemplo de colocação de portões de ferro, construção de piso e alteração no próprio esqueleto da feira. Porém, muitos feirantes não gostaram das modificações porque o espaço diminuiu ainda mais e os próprios feirantes

tiveram que fazer melhorias, já que não foram respeitadas, por parte da prefeitura, as particularidades e necessidades que cada comerciante possuía para a venda de seus produtos. Além disso, outro fator de relevância colocado por eles foi a questão do piso, que após a reforma ficou quase por completo desnivelado, inviabilizando a passagem dos carrinhos de mão, que geralmente transitam no local, somado a possibilidade de gerar acidentes de feirantes e consumidores.

#### 4. A FEIRA DA LIBERDADE NA ATUALIDADE: COMÉRCIO, CONSUMO E TENDÊNCIAS

Como tematiza Fonseca (2014), as feiras constituem, na atualidade, como espaços de diversos arranjos, em virtude de sua composição incluir origens múltiplas, que vão desde as mercadorias expostas, até os sujeitos que nelas transitam. E completa:

[...] Promovem formas de sociabilidade inerentes a espaços formados por multidões populares com objetivos múltiplos, de compra, venda, pesquisa, barganha, passeio, encontro, desencontro, entre outros, fazendo da feira lugar catalisador de agentes sociais plurais. (FONSECA, 2014, p. 269).

Deste modo, procuramos investigar a origem desses personagens que transitam nesse universo das feiras investigadas, os fregueses, consumidores, quais os produtos comercializados, o tempo de exercício nessa localidade, bem como as principais tendências atuais, presentes no ambiente pesquisado.

Apesar de muitos anos da sua fundação, a feira da liberdade, assim como muitas feiras nordestinas, resiste perante a atual conjuntura da sociedade. Nesta, encontram-se as tradicionais áreas de venda de frutas e verduras (Figura 03), raízes e ervas medicinais, cereais, carnes e aves (Figura 04), de calçados e artigos de couro, doces e gomas, confecções e ferragens, dentre outros. Em seu entorno, alguns supermercados e mercadinhos foram instalados, além de panificadoras, restaurantes e outras formas comerciais, que concorrem com os serviços já mencionados, presentes na feira.

**Figura 3** - Tradicionais bancas de venda - Frutas, verduras, raízes e ervas medicinais.



Fonte: Dados da pesquisa, 2016

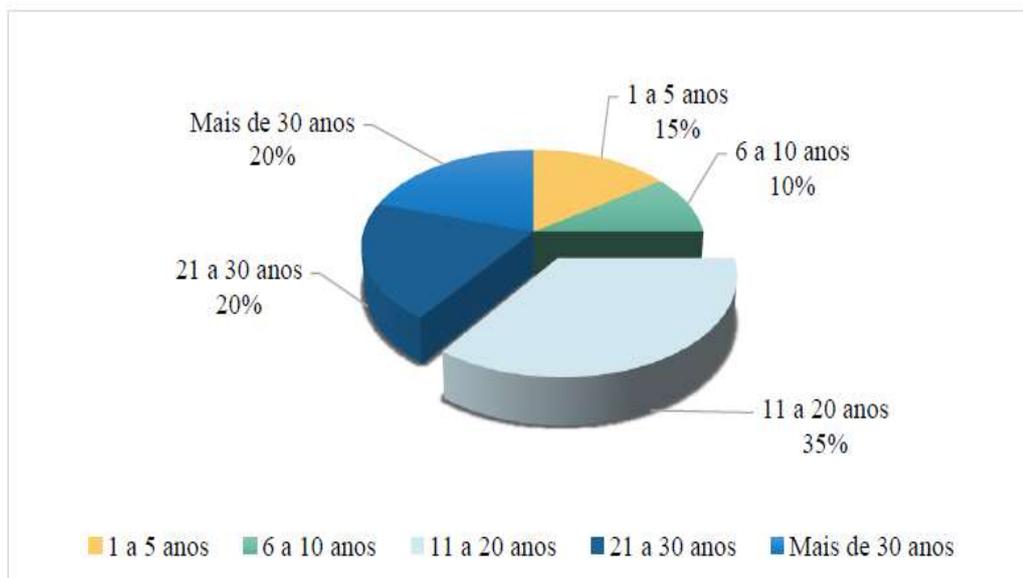
Atualmente, segundo o administrador, a feira conta com bancas e barracas, totalizando 113 estabelecimentos e não possui divisão por setores. Foi verificado, por meio dos questionários, que 35% dos feirantes, a maioria, comercializam na feira num período de 11 a 20 anos (conforme o gráfico 01 demonstra). Muitos são proprietários das bancas, ou trabalham com seus familiares, já que, como foi dito anteriormente, só possuem o comércio como fonte de renda.

**Figura 4 -** Tradicionais bancas de venda - Cereais e carnes



Fonte: Dados da pesquisa, 2016

**Gráfico 1:** Tempo de exercício dos feirantes na feira da Liberdade



Fonte: Dados da pesquisa, 2016

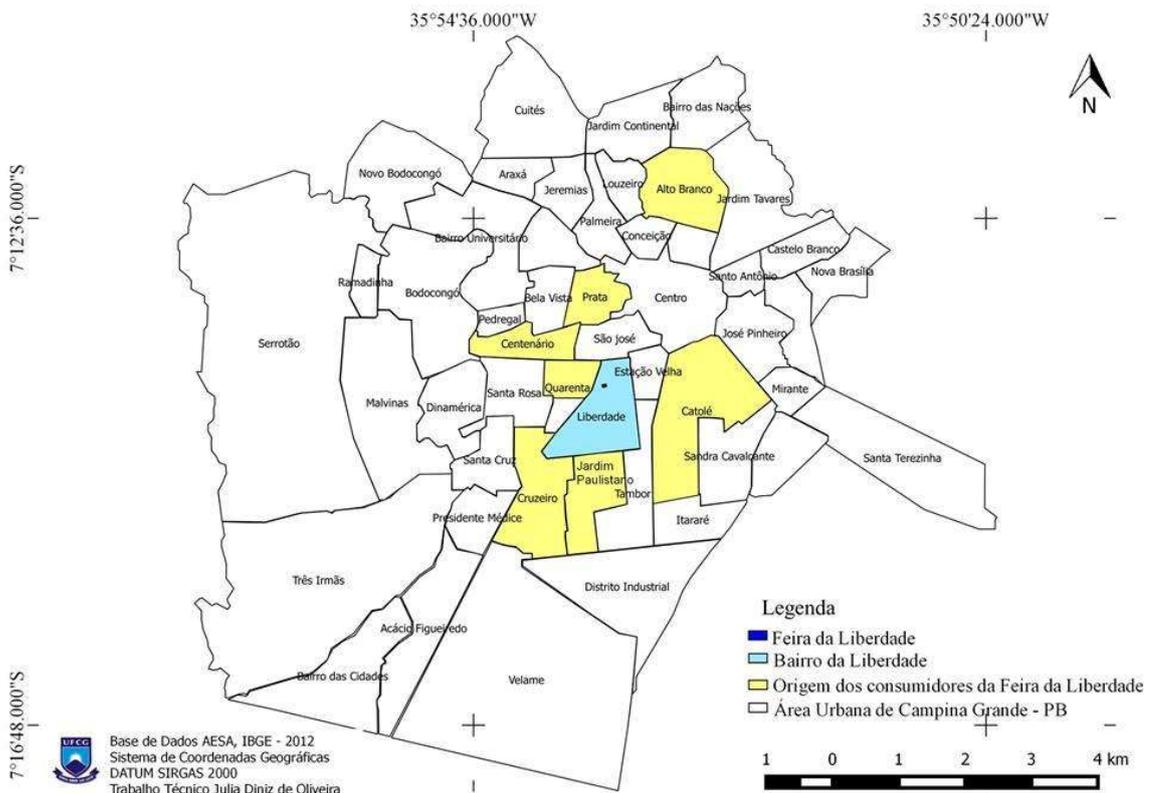
## 4.1 Centralidades

Através dos dados obtidos na pesquisa, verificou-se que a dinâmica espacial da atividade comercial desta feira confere uma importante centralidade entre os bairros próximos, demonstrando relevante influência sobre os demais, mesmo diante das inovações no setor comercial dos outros bairros.

[...] Por se consolidarem essencialmente substanciadas pelas atividades comerciais e de serviços, esta centralidade se constitui de equipamentos que geram e mantêm padrões e necessidades de consumo que respondem ao conteúdo do novo contexto da reprodução do capital, estruturada por meio de fluxos de natureza material e imaterial. (OLIVEIRA, 2008, p. 12)

Com base nos dados adquiridos em campo, a partir dos questionários aplicados com os consumidores e feirantes, demonstrados por meio dos mapas temáticos abaixo, nota-se que esses sujeitos se deslocam de diversos bairros da cidade: os consumidores vindos do Catolé, Alto Branco, Prata, Jardim Paulistano, Quarenta e Cruzeiro.

**Mapa 3:** Origem dos consumidores da feira da Liberdade

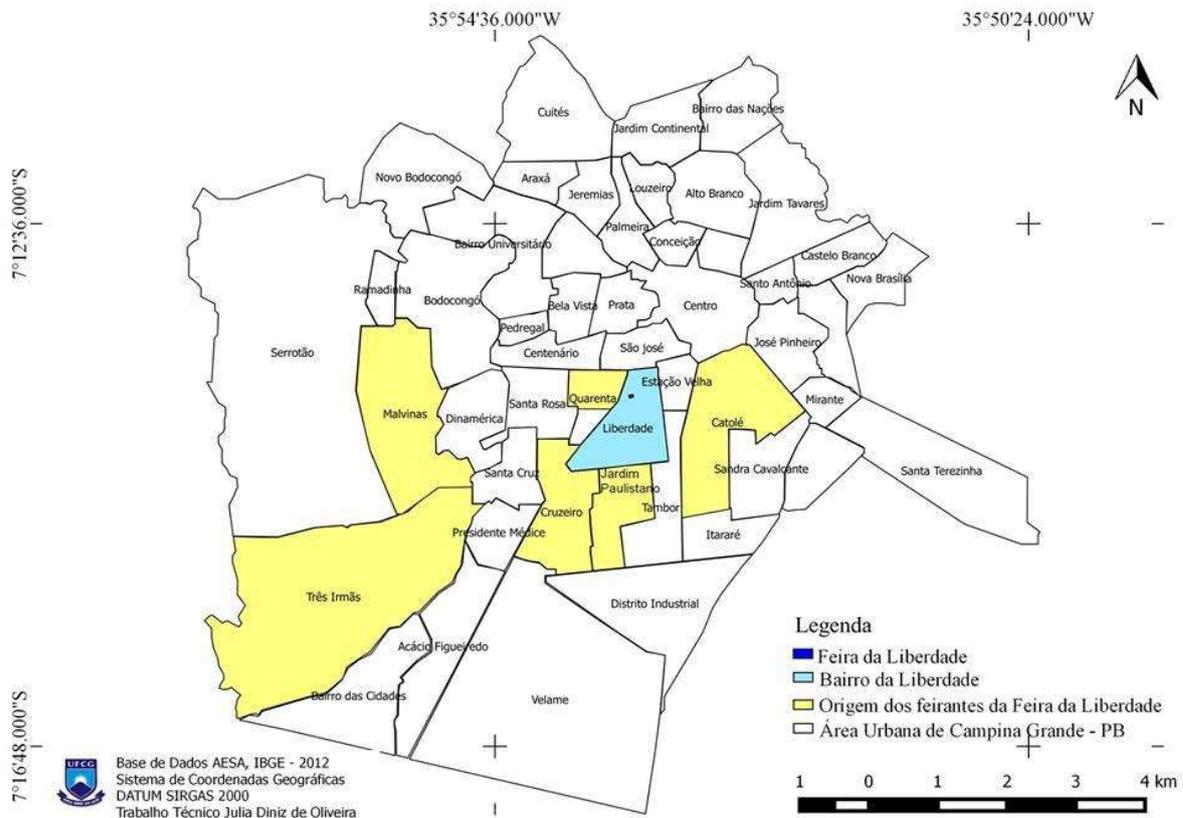


Fonte: Dados obtidos com os questionários aplicados, 2016.

E os feirantes dos bairros (Mapa 04) das Três Irmãs, Jardim Paulistano, Quarenta, Malvinas, Catolé e Cruzeiro. Segundo o relato desses agentes, muitos deles herdaram dos pais os

estabelecimentos e a partir do momento que casam, deixam suas moradias de origem para, geralmente, morarem em outros bairros da cidade.

**Mapa 4: Origem dos feirantes da feira da Liberdade**



Fonte: Dados obtidos com os questionários aplicados, 2016.

#### 4.2 Motivos pelos quais os clientes frequentam a feira da Liberdade

A feira é provavelmente um dos espaços comerciais mais democráticos onde as pessoas costumam frequentar. Democrático no sentido de que nessa área encontramos pessoas de diversas profissões e classes sociais, todos, em sua maioria, com o objetivo de fazer compras.

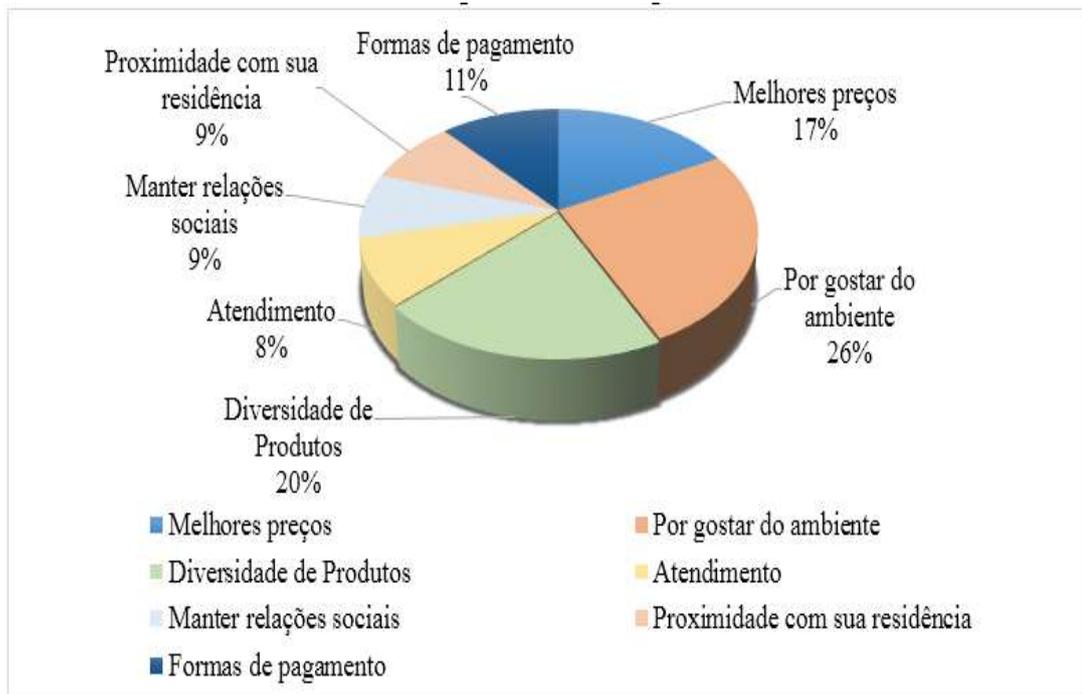
A tomada de decisão do consumidor resume-se num conjunto de processos que vão influenciar ou não a compra. Para tanto, se faz relevante buscar compreender quais motivos levam ao comprador a adquirirem os produtos da feira.

O contexto atual de intensas inovações no que se referem às relações sociais, dentre elas a disseminação dos cartões de crédito e a consequente facilidade de compra pela população de renda média, somado aos grandes supermercados, lojas e outros empreendimentos próximos à feira, contribuíram para que a clientela diminuísse. A sobrevivência da feira pode estar atrelada a alguns fatores, que foram relatados pelos consumidores e feirantes, através dos questionários, cujo resultado é retratado no gráfico a seguir:

A maioria, representada pelo índice de 26%, frequenta o local por gostar do ambiente proporcionado pela feira. O segundo aspecto totaliza 20%, a diversidade de produtos encontrados, gerado pela facilidade em encontrar produtos variados em um único local, contribuindo para a redução do tempo e locomoção dos clientes para satisfazer suas necessidades de consumo.

Outros fatores citados foram a proximidade com suas residências, com 9%; as relações sociais suscitadas, 9% apontam como uma das características da feira como um lugar de encontro, espaço de interação entre as pessoas, no qual podem rever os amigos, e “jogar uma conversa fora”; o atendimento dos comerciantes, com 8%; e as formas de pagamento com 11% - fator que será discutido detalhadamente o próximo tópico.

**Gráfico 2:** Motivos da frequência à feira pelos consumidores

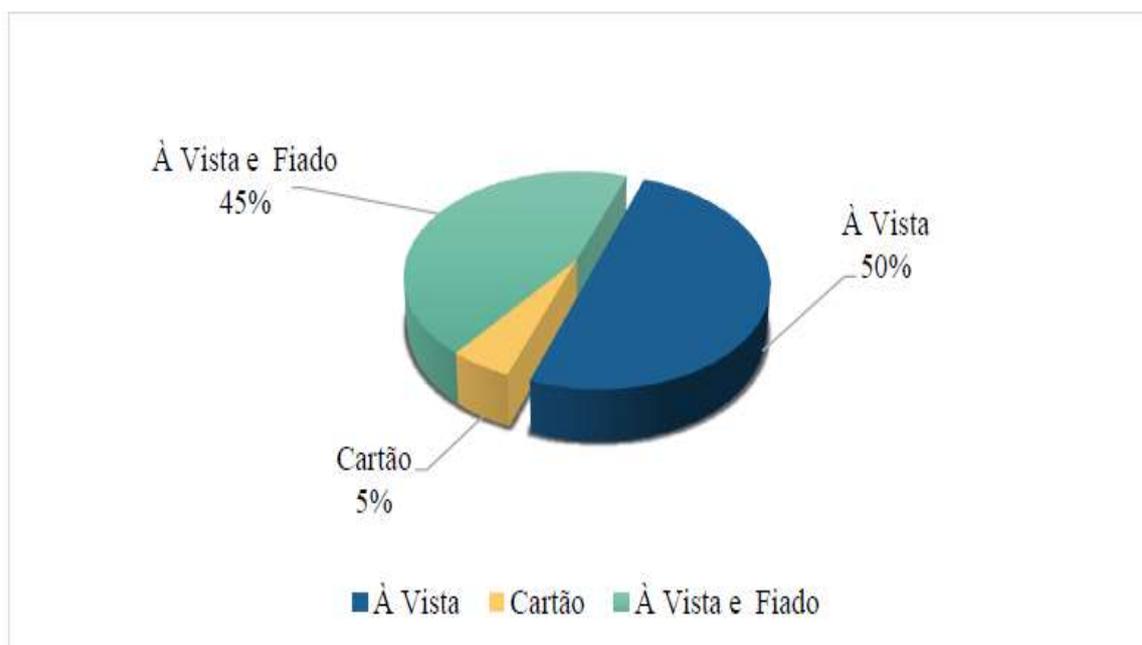


Fonte: Dados da pesquisa, 2016

### 4.3 A prática do “fiado”

Um dos fatores que foram anteriormente mencionados, que nos chamaram a atenção, é a prática do fiado - apesar de ser um mecanismo antigo, ainda é muito utilizado. Segundo Costa (*apud* TAVARES, 2014), essa prática tem grande importância pelo fato de possibilitar à população, sobretudo a parcela mais carente, de atender suas necessidades imediatas de consumo, de acordo com suas posses financeiras no momento. Segundo Lopes (2004), é provável que essa forma de crédito, com garantia nas relações de confiança, crie, na medida em que o feirante vá criando raízes naquela área, relações de proximidade entre os vendedores com seus clientes em termos de sociabilidade. Apesar de alguns feirantes relatarem ter abandonado esse método, grande parte deles revelara que utiliza o “fiado” como forma de adiamento para recebimento do pagamento. Como pode ser observado no gráfico:

**Gráfico 3:** Formas de pagamento utilizadas pelos feirantes



Fonte: Dados da Pesquisa, 2016.

Além disso, observou-se entre essas relações comerciais da feira, há a pechincha, momento em que os preços são submetidos a discussões entre compradores e vendedores. Tais práticas se configuram como circuitos inferiores, propostos por Milton Santos (1979), com relação aos preços dentro deste contexto comercial.

#### **4.4 Tendências**

As atuais tendências da feira demonstram que, embora se tenha constatado a prática de antigas formas comerciais (Gráfico 03), observou-se ainda que esse setor do circuito inferior da economia começa a aderir às novas formas de comercialização: o uso do cartão de crédito como formas de pagamento na venda dos seus produtos, demonstrando a adesão desses comerciantes a essa nova conjuntura.

Também verificou-se a venda de elementos modernos, como os CD, DVD (Figura 04), acessórios para celulares, ou seja, demonstrando que alguns feirantes se adaptaram às necessidades e à lógica interna da feira. Sobre isso, Sales (2011, p. 10) comenta que “[...] também são resultados do estreitamento da relação local e global, uma vez que, a nova lógica de produção acaba por homogeneizar costumes e consumo impondo assim a venda ou a utilização pelos feirantes dos ícones modernos”. Assim, a feira serve como espaço de consumo e disseminação das modernidades. Como contempla Diniz (1985):

As feiras são, essencialmente, lugares de compra e venda de produtos variados, destacando-se, hoje, bens industrializados ao lado de produtos agrícolas tradicionais. Há uma pequena oferta de serviços ligados a feira: barbeiros, relojoeiros, fotógrafos, mecânicos de bicicletas e até dentistas práticos. Todavia,

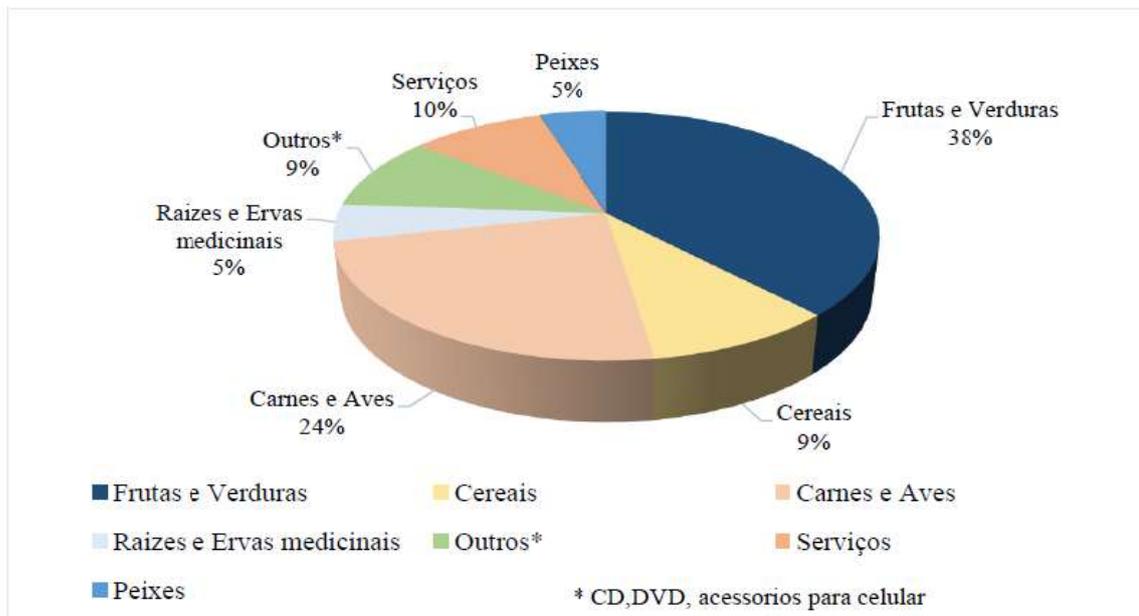
essa atividade é secundária diante da função comercial do mercado periódico. (DINIZ, 1985, p.72).

**Figura 4:** Elementos modernos inseridos na feira



Fonte: Dados da pesquisa, 2016

**Gráfico 4:** Produtos vendidos pelos feirantes



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

No gráfico 04, o item outros foi assim nomeado para representar as novas modalidades de produtos de consumo, tais como, CD, DVD, acessórios para celular. Apesar dos demais produtos, considerados de consumo básico, estarem em maioria, já se nota uma significativa procura pelos ícones modernos, 9%. Ainda foi verificado os serviços de cabelereiro, barbearia, bares (Figura 05) e lanchonetes, que juntos somam 10% dos questionários analisados.

**Figura 5 - Serviços de cabelereiro e bar**



Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Sendo assim, pode-se diante do exposto inferir não só a importância da feira citada no papel de estruturação do bairro, mas também a sua resistência e adaptações às modernidades e às transformações de ordem econômica, social e política.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, as feiras foram consideradas como um dos espaços mais dinâmicos que permanecem ao longo dos séculos, até os dias atuais. Além disso, elas foram responsáveis pelo desenvolvimento de muitas cidades. Constituem, sobretudo, locais de relações sociais e culturais, dando suporte à convivência daqueles que transitam por diferentes espaços, mas, sobretudo, influenciando na produção e organização dos espaços.

Historicamente, a Feira da Liberdade sempre exerceu um papel social no crescimento urbano do bairro onde se localiza, bem como de localidades circunvizinhas. Ela adquiriu uma importância especial para o consumo dos moradores locais até a atualidade. No seu entorno, também se desenvolveu o bairro Liberdade.

Apesar das facilidades incorporadas ao longo do tempo, como a criação de supermercados, infinitas opções de compras online, hipermercado, panificadoras, dentre outros, observou-se que a Feira da Liberdade continua sendo o ponto certo daqueles que procuram não só produtos com preços menores, mas pela comodidade de encontrar uma variedade de serviços distintos.

Com os dados obtidos na pesquisa, verificou-se que a dinâmica espacial da atividade comercial desta feira confere uma importante centralidade entre os bairros próximos. Além disso,

apesar de possuir práticas antigas de comercialização, a exemplo do fiado como forma de prorrogação dos pagamentos dos fregueses com os feirantes, esses começam, mesmo que de forma tímida, a aderir às novas formas de comercialização, como o cartão de crédito.

Embora muitos feirantes relatem uma queda nas vendas, visto que, como já foi citado, existem outras atividades comerciais que concorrem diretamente com a feira, verificou-se que os consumidores continuam a frequentar esta feira, não só pela diversidade e qualidade dos produtos vendidos, mas pelo ambiente gerado nesta localidade, as relações de amizade provocadas, o atendimento personalizado, as conversas informais diversas. Porém, vale salientar que mesmo com esses interesses acima referidos, é importante e necessária uma política de incentivo e valorização desses espaços, que muitas vezes são esquecidos por parte dos poderes públicos.

## 6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, D. S. **Um olhar geográfico do espaço urbano**: a funcionalidade da praça pública Ubiratan de Moraes. Campina Grande, 2011

ARAUJO, Giovanna de A. F. **Aspectos sociais do cotidiano das feiras livres**: um estudo etnográfico em território português e em solo brasileiro. *Maringá Management: Revista de Ciências Empresariais*, v. 9, n.2, - p. 49-64, jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_. **As feiras nordestinas na contemporaneidade como fenômeno de resistência frente ao global**. In: II Seminário Nacional de Fontes Documentais e Pesquisa Histórica: Sociedade e Cultura UFCG-PPGH, 2011, Campina Grande-PB. Anais Evento. Campina Grande-PB: Suporte Lutheriah, 2011.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV-XVIII. (Tradução Telma Costa). Vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CARDOSO, Maria Francisca T. C. **Campina Grande e sua formação como Capital Regional**. Revista brasileira de geografia, out. dez., 1963, p.415-451.

CARDOSO, C. A. A; MAIA, D. S. **A feira de Campina Grande**: onde se encontra o moderno e o tradicional In: XVI Encontro Nacional de geógrafos. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros - UFRS, 2010. v. 1. p. 1-12

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo. Editora Ática.1995

\_\_\_\_\_. **Trajetórias Geográficas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

DANTAS, G. P. G. **Feiras no nordeste**. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, vol. 7, núm. 13, pg. 87-101. Universidade Federal do Ceará Fortaleza, Brasil. 2008

DINIZ, J. A. F. **Aracaju e seus sistemas de localidade central**. Inédito 1985

DINIZ, L. S. **As bodegas da cidade de Campina Grande**: dinâmicas sócio-espaciais do pequeno comércio. Campina Grande, EDUFCG,2011

FONSECA, G. de A. **O global e o local nas feiras contemporâneas**: um estudo dos impactos gerados pela globalização em feiras de Portugal e do Brasil. Campina Grande: EDUFCG, 2014

FORMAN, Shepard. **Camponeses**: Sua participação no Brasil. Editora: Paz e terra. 1979

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades: Campina Grande. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250400>> Acesso em: 28 de março de 2016 as 20h.

LOPES, Vânia Lúcia Silva. **Meios de Vida**: as experiências de sobrevivência e luta dos trabalhadores ambulantes e feirantes em Fortaleza entre o final da década de 1960 e início de 1970. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, 2004.

OLIVEIRA JÚNIOR, G. A. de. **Novas Expressões de Centralidade e (Re)Produção do Espaço Urbano em Cidades Médias**: O Jequitibá Plaza Shopping em Itabuna – BA. Dissertação de Mestrado, Brasília. 2008

OLIVEIRA, R. V (org). **Campina Grande em debate**: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. EDUEP; EDUFCG,2009

OLIVEIRA, S. S. L. **Olha o rapa**: os feirantes e as artes do saber fazer o cotidiano na Feira Central de Campina Grande (1970-1983). Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, 2012.

OLIVEIRA, G. A.J. **Redefinição da centralidade urbana em cidades médias**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-45132008000100014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-45132008000100014)>. Acesso em: 20 de abril de 2016

PAZERA, J. E. **A feira de Itabaiana - PB**: permanência e mudança. Tese de Doutorado em Geografia Humana. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003

SALES, A.L.P. **Comércio e localização**: a feira e a centralidade urbana de Campina Grande- PB. In: Semana de Geografia FCT/UNESP, 2011, Presidente Prudente. As geografias latino-americanas: diferentes territorialidades, 2011

SALGUEIRO, Teresa Barata; CACHINHO, Herculano. **As relações cidade-comércio**. Dinâmicas de evolução e modelos interpretativos. In: CARRERAS, Carles; PACHECO, Susana Mara Miranda. (orgs.). Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional. Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009. p.9-39.

SANTOS, Milton. **O Espaço dividido**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2004. [1979]

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1997

SANTOS J. E. dos. **Feiras livres**: (re)apropriação do território na/da cidade, neste período técnico-científico-informacional. In: Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 17, n. 2, mai./ ago. 2013

SARAIVA, Luiz Arthur Pereira. **As dinâmicas socioespaciais no bairro da Estação Velha, Campina Grande-PB.** (Trabalho acadêmico orientado) Curso de licenciatura plena em geografia. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, 2009, 135p.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUZA, M. J. L. de. **O Território.** Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. et al. (orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116

TAVARES, Noaldo José Aires. **A Feira Livre de Boqueirão:** comércio, consumo e produção do espaço 28 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2014.

VARGAS, HelianaComin. **Espaço terciário:** o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2001. 335p.

---

Artigo enviado em: 10 de agosto de 2017 e aceito em: 05 de novembro de 2017.